

Adeus a Tawé

Walter Andrade Parreira

Tawé

é uma tristeza não mais te ver,  
não mais estar contigo.

Tu és uma marca muito funda,  
a ferro e fogo,  
marca ardente...

mas que dói como fria...

é um gelo estar sem ti.

Ao procurar te encontrar

só encontro o vazio,  
caminho pela tua lembrança,  
o fim da busca é tua falta.

Onde estarás nesta hora?

Que árvore da mata és agora?

Pelos olhos de que pássaro vigias a noite?

Pelo silêncio de que animal caminhas tua selva?

Pelo espírito de que deus velas teu povo?

Será que já estás a brilhar

na luz e no encanto

da lua no encontro

com a noite distante da tua aldeia?

E, então, entendo –

olhando para o rio

e seu verde profundo,

para as árvores  
e a mata sem fundo,  
eu te vejo,  
te reencontro.

Abro mais os olhos  
– ou os fecho, tanto faz –  
e já sei de ti.  
Tu estás a mirar-me leve e forte,  
como sempre...  
teu olhar, os sentidos atentos da mata.

Pois não é nela que tu estás?  
não é nela que tu és?

Onde estarias,  
que não no teu ventre maternal,  
no teu berço ancestral,  
na tua forma original,  
no teu ser natural?

Então,  
o rio não é mais a tua falta,  
a trilha não é mais a tua falta,  
a floresta não é mais a tua falta...  
– são a tua *presença*,  
tu és tudo isso,  
*tudo* isso é a tua *presença*.

Tuas veias conduzem a seiva das árvores,  
eu piso seguro a terra, teu corpo,  
ondulo suave neste rio em que murmuras,  
respiro o ar novo que da mata exalas.  
Ouço tua voz nos passos de um bicho,  
teu silêncio no vôo de um pássaro,  
os mil verdes da tua pele me arrebatam,  
os mil odores das tuas flores me embriagam.  
Sinto a paz nesta brisa em que passeias  
me inebrio na vida que tu semeias.

Obrigado por revelar-te a mim,

Tawé,

obrigado pela tua presença,  
levo-a comigo...  
meu amigo.

Extraído do livro:  
*Tawé, Nação Mundurucu – Uma Aventura na Amazônia.*  
(cap. 17 – ‘A estrada é sábia’ – pág. 288 a 289)